

José Gomes Ferreira ou a Militância Poética nos 100 Anos do seu Nascimento

OS bons poetas lêem-se, estimam-se, relêem-se e decoram-se os seus versos e poemas, em especial os poetas que sempre pudemos admirar e respeitar. Hoje e amanhã, ontem e sempre. Os verdadeiros poetas afirmam-se em todos os instantes da vida, de livro para livro, quer sejam insubmissos, rebeldes, militantes, comodistas, perturbadores, pacíficos ou resistentes. Os bons poetas são, pois, aqueles que lemos de fora para dentro, lhes fixamos os ecos dos próprios passos ou percorremos em sua companhia o mesmo caminho ou aventura poética. Ser leitor atento de um poeta é ser de algum modo o poeta que neles *sabemos* ler. Disso não temos dúvidas. Ninguém pode ter dúvidas quando lê ou descobre um bom poeta e se deixa arrebatado pelo mesmo clima emotivo e sensorial que o clima ou atmosfera do poema (ou dos poemas) lhe faz entender ou recriar. É isso mesmo o que realmente distingue os bons e os maus poetas, é isso mesmo que na verdade impõe a voz dos que sabem romper o silêncio dos outros e falam para (e por) aqueles que não têm voz, fechados na sua solidão e inquietude pessoais. Por isso, repetimos os bons poemas quase se não podem ler em voz alta, mas antes se devem ler ou dizer dentro do nosso próprio silêncio, fazendo nascer em nós ou em nós reviver esse mesmo fluxo/refluxo de sentimentos e ideias, entusiasmos e paixões, ódios, raivas e outros combates.

Poeta antigo no tempo, que teimou sobreviver ao tempo que foi o seu (1900-1985), ou como afirma Eduardo Lourenço, *"tardiamente coroado, que parece deste tempo mas é só do tempo dele, e o seu caso é semelhante ao de Afonso Duarte, apenas mais complexo por ser mais variada e móvel a sua atenção cultural; para um e outro, o melhor é ver quem eles são e não os trocar por cavaleiros andantes de modas alheias"*, José Gomes Ferreira nasceu no Porto há precisamente cem anos (e onde é que um Poeta poderia ter nascido se não na velha rua das Musas que sobe na direcção da rua do Bonjardim de outras memórias) e é um dos poetas da nossa sincera simpatia dos que sempre lemos com agrado, alegria ou mesmo uma certa inquietação, ainda na lembrança deste seu poema dedicado ao Porto num reencontro com Eugénio de Andrade:

*Não nasci por acaso nestas pedras
mas para aprender dureza,
lume excedido,
coragem de mãos lúcidas.
Aqui no avesso da construção dos tempos
a palavra liberdade
é menos secreta.
(...)
Porto
- cidade de luz de granito.
Tristeza de luz viril
com punhos de grito*

Olhamo-nos no espelho e não sabemos bem o que dizer para justificar tão clara admiração por um verdadeiro poeta-inventor de linguagem tão pessoalíssima, que soube percorrer o itinerário dos bons e grandes poetas deste tempo conturbado. E sempre como um autêntico e rebelde *militante* da Poesia, à maneira de Aragon ou Machado, Hikmet ou Neruda.

Poeta-cantor de Lisboa, nascido no Porto que nunca esqueceu, o Poeta de *Eléctrico* é afinal esse homem-poeta que, desde a infância, sempre se viu criado *"longe das árvores, no roldão poeirento das cidades, entre lajes, cal, granito, tijolos, carros eléctricos, candieiros de iluminação pública"*, no convívio dos homens, mesmo no tumulto de graves acontecimentos políticos e sociais de que não deixou de dar verdadeiro testemunho em *A Memória das Palavras* (1965) e fizeram dele o poeta amargurado e lúcido, pessimista e militante, enfim, um poeta que soube rir, chorar e enaltecer um tempo e a melhor imagem desse tempo espalhada na aventura que foi a sua obra poética.

Dizendo com Carlos de Oliveira, seu grande e sincero amigo de muitos anos, que José Gomes Ferreira está sozinho no palco, sem ajudantes nem ensaios prévios, fazendo também o seu passe de mágica ou um número de prestidigitação, o romance *As Aventuras de João Sem Medo* garante uma só coisa no plano estritamente literário: só o poeta de *Canções Heróicas*, nos carregados anos 60, poderia ter escrito esse livro. Fértil e rico de imaginação, colocando-se num mundo imaginário, quase inexistente (e só na aparência, é claro), toda a estrutura romanceada nos desvenda os sinais e símbolos do mundo que pisamos todos os dias. Mas não se trata de um livro que tenha ido buscar ao "imaginário" da infância os elementos estruturais que lhe dão vida ou animam todo o enredo, porque onde o livro desemboca é nesse espelho de uma realidade palpável e conhecida, que os adultos melhor entendem na contradição dos conflitos e das personagens estranhas que neles surgem e habitam. Um mundo fantástico onde

a realidade nunca deixa de estar presente diante dos olhos do leitor, este romance José Gomes Ferreira demonstra a mesma capacidade efabuladora que dá corpo a um cosmos expressivo muito pessoal, espraiado no domínio da sua poesia e até no da ficção, em que este romance simbólico verdadeiramente se integra. O que prende o leitor na sua efabulação romanesca não é apenas o acto de conhecer esse mundo estranho que João Sem Medo vence a todo o instante, nem as personagens que se cruzam ou aparecem em qualquer momento, mas sobretudo a unidade estética que o livro revela, onde todos os elementos se conjugam numa carga literária urdida de símbolos nem significativos. Sem obedecer a fórmulas estreitas, é um livro que desde há muitos anos, nas suas sucessivas reedições, se afirma *inovador* nos aspectos fulgurantes da escrita e da linguagem e na firmeza dos valores ideológicos que nele se pressentem.

Poeta que soube aprender a lição herdada do surrealismo, do neo-realismo e até de um certo existencialismo que entre nós pôde antecipar, como em tempos declarou Carlos de Oliveira, toda a obra poética e ficcional de José Gomes Ferreira nos remete, sem disso nos podermos alhear, para uma época tumultuosa que foi aquela que conheceu e nela participou, militante activo e combatente de e pela Poesia, em todos os momentos de afirmação poética, marcada por um certo sentido romântico e lúcido, panfletário e intervencionista, mas patenteando uma modernidade e uma percepção bem original e singular.

Por isso, as ficções e contos, mesmo as histórias de vagabundagens (e destaquesmos *O Mundo do Outros*), no que de sonho e espanto revelam na compreensão dão mundo e da vida, no sobressalto de saber em consciência que *viver sempre também cansa* (e disso falou com extrema lucidez nesse livro memorialista de 1965 que é o seu testamento poético e literário), José Gomes Ferreira partiu numa manhã fria e chuvosa de Fevereiro de 1985, mas deixou-nos, entre os seus melhores livros, as *Aventuras de João Sem Medo*, como prolongamento natural da sua poesia e onde a mesma descoberta desse *irreal quotidiano* se evidencia de forma superior.

Assim, no registo que se justifica pela passagem dos cem anos sobre o seu nascimento, entendemos que o ano 2000 não deverá ser apenas um "ano queirosiano", mas em larga medida deverá celebrar a obra e a vida de José Gomes Ferreira, e o Porto, ainda antes de em 2001 ser capital da cultura, não poderá esquecer um dos grandes Poetas deste tempo português que nasceu na cidade à beira-Douro.

Serafim Ferreira
Crítico literário

José Gomes Ferreira
OBRAS COMPLETAS
Pub. Dom Quixote / Lisboa.